

Qual é o alicerce da escatologia cristã, a fonte das nossas esperanças quanto ao futuro? O ponto de partida é a revelação do Antigo e do Novo Testamento. Mas, acima de tudo, é a ação de Deus na ressurreição de Jesus. Se Jesus venceu a morte naquele momento, seus filhos também vencerão no futuro.

Escatologia é uma parte da teologia que se preocupa com o fim. O nosso fim, bem como o fim do mundo. No caso da escatologia cristã, ela exprime a convicção de que a história inteira está nas mãos de Deus e que só encontrará sua plenitude em Cristo, a personificação da promessa de Deus. É essa promessa que nos induz a pensar. É ela, também, que nos incita a agir. Neste sentido, o critério de toda afirmação sobre o futuro, de toda frase sobre o fim do mundo, de todo discurso sobre a morte, de todo enunciado escatológico deve ser a própria mensagem de Cristo.

O verdadeiro e saudável anúncio escatológico não precisa ser motivo de medo, sonho ou especulação para ninguém. Deve, antes, despertar a fé, o temor verdadeiro de Deus e a esperança num dia em que o mundo será um lugar muito melhor. Num dia em que as palavras do visionário de Patmos serão, enfim, uma realidade (Ap 21.1-4).

Uma boa aula.

O autor dos planos de aula deste período é Jonathas Lopes. Graduado em História e bacharelado em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil/Faculdade Batista do Rio de Janeiro. Membro da Igreja Batista em Ponte Preta, Queimados, RJ, onde exerce a função de professor da EBD.

# Atitude

REVISTA DO JOVEM CRISTÃO

ISSN 1984-8382

Literatura Batista  
Ano CXIV – Nº 456

**Atitude professor** é uma revista de orientações didáticas para professores de jovens na Escola Bíblica Dominical seguindo a matriz curricular da edição do aluno

Copyright © Convicção Editora  
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

Publicado com autorização  
por Convicção Editora  
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36

## Endereços

Caixa Postal, 13333 – CEP: 20270-972  
Rio de Janeiro, RJ  
Telegráfico – BATISTAS

## Editor

Sócrates Oliveira de Souza

## Coordenação Editorial

Solange Cardoso de Abreu d'Almeida (RP/16897)

## Redação

Valtair Afonso Miranda

## Produção Editorial

Oliverartelucas

## Produção e Distribuição

Convicção Editora

Tel.: (21) 2157-5567

Rua José Higino, 416 – Prédio 16 – Sala 2

1ª Andar – Tijuca – Rio de Janeiro, RJ

CEP 20510-412

convicca@conviccaeditora.com.br

## //SUMÁRIO

Para começar .....	1
Pauta musical.....	3
Recursos bíblico-teológicos.....	4
Tema da EBD.....	7
Lição 1 – Apocalipse – O livro da revelação... ..	10
Lição 2 – Vocação para a revelação.....	13
Lição 3 – Cartas às igrejas – I.....	16
Lição 4 – Cartas às igrejas – II.....	19
Lição 5 – O início da visão.....	22
Lição 6 – A visão do livro e dos selos.....	25
Lição 7 – A visão das trombetas.....	28
Lição 8 – A visão da luta entre o bem e o mal .....	31
Lição 9 – A visão dos remidos e do juízo .....	34
Lição 10 – A visão das taças com as pragas..	37
Lição 11 – A visão da vitória do bem.....	40
Lição 12 – A visão dos fins dos tempos .....	43
Lição 13 – A nova Jerusalém .....	46

# LÁ NO CÉU MORAREMOS

1. Pro-cla-ma-mos nos - so Cris - to, su - a gra - ças seu per-dão;  
 2. Ca-mi-nha-mos nes - ta vi - da en - tre nu - vens de te-mor,  
 3. Tes-te-mu-nhas con - sa - gra - das, pros - si - ga - mos com po-der;  
 4. Re-com-pen-sa mul glo - rio - sa nos da - rá o Sal-va-dor;

nas man-ões de e-ter - na glô - ria va - mos ter o ga-lar-dão,  
 mas em to-da a nos-sa lu - ta can - ta - re-mos seu lou-vor.  
 vis-lum-bran-do su - a glô - ria, te - mos for-ças pra vi - ver.  
 ves - tes bran-cas nós te - re-mos, ves - tes chei-as de es-pen-dor.

Lá no céu mo-ra - re - mos, na pre-sen - ça do nos-so Ee-den-

tor; lá no céu pra sem - pre, can-tan - do seu pre-cio-so-sa-mor.

HCC, nº 583

LETRA: Eliza Edmunds Hewitt, 1898

Port. Denise Cordeiro Frederico, 1990

MÚSICA: Emily Divine Wilson, 1898

HEAVEN

8.7.8.7.

com estribilho

# COMO A BÍBLIA CHEGOU ATÉ NÓS?

**JONATHAS LOPES PEREIRA\***  
RIO DE JANEIRO, RJ

Hoje, nós podemos ter em mãos vários tipos de Bíblias. Há também publicações para uma diversidade de leitores. Além disso, o texto bíblico pode ser reproduzido pelos meios digitais. Porém, nem sempre foi assim. Para chegar até nós, a Bíblia percorreu um longo caminho. Vamos, então, viajar ao longo da história para conhecer esta trajetória.

## DO PAPIRO A GUTENBERG

Os primeiros materiais em que foram escritos os textos bíblicos eram dois: papiro e pergaminho. O papiro era extraído de uma planta aquática, do mesmo nome. Seu uso vem de 3000 a.C., pelos egípcios. Já o pergaminho é a pele dos animais, curtida e preparada para a escrita. É um material superior e de melhor qualidade em relação ao papiro. Seu uso tornou-se popular durante o século primeiro na Ásia Menor. Já o formato desses escritos,

originalmente, foram dois: rolos e códices. O rolo era feito de pergaminho ou de papiro. Preso a cabos de madeira nas pontas para facilitar o manuseio. Cada livro da Bíblia era um rolo separado.

A partir do século 2 d.C., os escritos bíblicos ganharam uma nova forma, em substituição aos rolos, semelhantes aos nossos livros modernos. As folhas de papiro, dobradas no meio e costuradas umas às outras nas bordas, apresentavam algumas vantagens: qualidade melhor do material e agrupamento do conteúdo e facilidade no manuseio. Este formato recebeu o nome de códice (do latim *códex*, que significa livro). Os códices mais antigos das Escrituras são datados do século 4.

Não temos nenhum livro bíblico original, isto é, produzido pelo punho dos próprios autores, os quais chamamos de autógrafos. O que chegou até nós, foram reproduções manuscritas, cópias. Um trabalho lento e laborioso.

\* Jonathas Lopes é graduado em História e bacharelado em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil/Faculdade Batista do Rio de Janeiro. Membro da Igreja Batista em Ponte Preta, Queimados, RJ, onde exerce a função de professor da EBD.

Os chineses, no século 2, inventaram o papel e em 1450 o alemão Gutemberg inventou a imprensa: uma nova forma de publicação, por meio dos tipos móveis e prelo.

## COMO ESSES 66 LIVROS SE ENCONTRARAM?

Uma pergunta crucial quando olhamos para a nossa Bíblia em mãos é: “Como é que 66 livros foram reunidos e organizados para formarem tão harmoniosamente a Bíblia, sendo escritos em períodos distintos?”

No cristianismo, o termo cânon, refere-se a um grupo de livros reconhecidos pela igreja primitiva como regra de fé e prática. A palavra tem origem grega e está relacionada a uma medida de carpintaria, uma vara de medir. O cânon serve para identificar aqueles livros considerados espiritualmente superlativos, em comparação com aqueles que eram medidos e achados de valor secundário no uso geral da igreja.

## O CÂNON DO ANTIGO TESTAMENTO

No caso do Antigo Testamento (AT), sabemos que os livros com o registro da lei divina eram guardados pelos sacerdotes e líderes religiosos e, ao mesmo tempo, os governantes reconheciam a autoridade desses livros sagrados.

*O judaísmo definiu o cânon palestino, por volta do ano 90 d.C., e considerou como canônicos os 39 livros do Antigo Testamento que temos na nossa Bíblia*

Para comporem o AT foram observados os seguintes aspectos: a) o reconhecimento da inspiração divina na autoria dos livros, uma vez que Deus desejou que sua Palavra ficasse devidamente registrada para não sofrer alterações; b) somente os escritos em língua hebraica teriam prioridade na seleção canônica, embora alguns textos tenham sido redigidos em aramaico.

O judaísmo definiu o cânon palestino, por volta do ano 90 d.C., que considerou como canônicos os 39 livros que temos na nossa Bíblia, porém, os organizou de forma diferente: em 24 livros, agrupados em três blocos: Torá, Nebiins e Ketubins. O cânon de Alexandria somou aos 39 mais 7 livros (Tobias, Judith, I e II Macabeus, Sabedoria, Eclesiástico e Baruque). O cânon palestino nunca aceitou esse acréscimo e a esses livros

deu o nome de apócrifos. Os reformadores, no século 16, mantiveram a posição do cânon palestino e ratificaram os 39 livros do AT.

## O CÂNON DO NOVO TESTAMENTO

Com o Novo Testamento (NT), o processo durou até o final do século 4. Vários evangelhos e cartas corriam entre as igrejas, mas foi necessário definir uma lista de livros inspirados, como já acontecera em relação aos escritos do AT.

A igreja dos primeiros anos estabeleceu três critérios para compor o NT: a) a autoria apostólica ou dos discípulos dos apóstolos; b) coerência doutrinária, no sentido de que não deveria haver contradição essencial entre os escritos no tocante aos ensinamentos dos apóstolos; c) aceitação da autoridade desses escritos nas comunidades de fé do primeiro século.

Entre os séculos 3 e 4, Atanásio de Alexandria, foi o primeiro a dar o nome de cânon à reunião de 27 livros que formavam o NT. Outros livros importantes surgiram, foram lidos e considerados de grande valor para a reflexão cristã, mas não permaneceram na lista dos inspirados pelo Espírito Santo.

## E OS CAPÍTULOS E VERSÍCULOS?

A Bíblia possui 1.189 capítulos, sendo 929 no AT e 260 no NT. Essa divisão

em capítulos foi feita em 1250 por Hugo de Saint Cher, um abade dominicano.

Já a divisão em versículos foi feita em duas etapas: O AT em 1445 por Rabi Nathan e o NT em 1551 por Robert Stevens, um impressor parisiense. Stevens publicou a primeira Bíblia dividida em capítulos e versículos em 1555, sendo esta uma cópia da Vulgata Latina.

## DO HEBRAICO E GREGO ATÉ CHEGAR AO PORTUGUÊS

A primeira versão importante das Escrituras foi a Septuaginta (a tradução do AT para o grego pelos 70 copistas em Alexandria). Entre os séculos 4 e 5, Jerônimo fez a tradução da Bíblia para o latim – a Vulgata Latina – que se tornou a versão oficial da Igreja Católica Romana.

Com a invenção da imprensa, no século 15, tornou-se muito fácil fazer cópias das Escrituras e, a partir da Reforma Protestante, a Bíblia passou a ser traduzida para vários outros idiomas, como alemão, francês e inglês.

Para a língua portuguesa, a Bíblia foi traduzida primeiramente por João Ferreira de Almeida (1628-1691). A Bíblia completa, com os dois testamentos em português, surgiu em 1819, com base no trabalho que o tradutor Almeida desenvolvera até a sua morte.

# O AMBIENTE VITAL DO APOCALIPSE

## COMO VIVIAM OS CRISTÃOS DO FINAL DO PRIMEIRO SÉCULO?

**Jonathas Lopes Pereira\***  
RIO DE JANEIRO, RJ

Quero nesta seção apresentar um aspecto do contexto do livro do Apocalipse, dentro de seu ambiente histórico-cultural, que é o final do primeiro século da era cristã. Isso nos ajudará a compreender alguns elementos presentes no livro como, também, conhecer, ainda que distante, a realidade de vida da primeira audiência do Apocalipse de João.

O lugar vivencial (Sitz in Lebem, em alemão) tem o objetivo de identificar em que situação e com que finalidade foram transmitidos o texto. Segundo Uwe Wegner<sup>1</sup>, os pesquisadores fazem questão de ressaltar que o lugar vivencial

é uma categoria social e comunitária, sempre é uma situação representativa dentro do cenário do cristianismo primevo.

Um dos poucos pontos de convergência entre os intérpretes do Apocalipse é a sua datação, elemento importante para compreender esse lugar vivencial. O tempo deste livro é situado na última década do primeiro século (90-96 d.C.), durante o reinado de Domiciano. O livro é uma fonte de encorajamento para as comunidades cristãs que sofriam os ataques diretos da perseguição imperial, incentivando-os à perseverança e paciência na fé em Cristo, o Cordeiro vencedor.

Domiciano é o sucessor de Tito, seu irmão, no comando do império ro-

<sup>1</sup> WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 8. ed. revista e ampliada. São Leopoldo: Sinodal, 2016. p. 210.

\* Jonathas Lopes é graduado em História e bacharelado em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil/Faculdade Batista do Rio de Janeiro. Membro da Igreja Batista em Ponte Preta, Queimados, RJ, onde exerce a função de professor da EBD.

mano, em 81 d.C. Sob seu comando, o império empreendeu grandes conquistas territoriais e a reconstrução da cidade de Roma, destruída pelo incêndio do ano 80 d.C. Sua altivez fez com que, utilizando-se da premissa do culto ao imperador, rogasse para si o título de “Senhor e Deus”, o que causou a oposição da classe política do seu tempo.

O culto ao imperador foi adicionado ao culto a Roma que, muito antes, já era cultuada como uma deusa (*dea roma*). O imperador era o guardião dessa divindade, com isso exigiram a instituição de seus altares e imagens junto aos templos de culto a Roma. Calígula, Nero e Domiciano, ao se tornarem imperadores, logo fizeram questão de promover o culto ao imperador. Foi durante o reinado de Calígula (37-41 d.C.) que o enfrentamento com as outras religiões dentro do império se acirrou porque exigiu ele que sua imagem fosse posta junto aos templos e altares de outras religiões, provocando a resistência do judaísmo. O culto ao imperador fazia parte da religião romana, politeísta, e não era um substituto dela. Era uma adição às suas formas de religiosidade.

Quando Domiciano chegou ao trono, exigiu o culto imperial e o tratamento de “Senhor e Deus”, provocando a oposição do Senado e promovendo a perseguição

aos cristãos, que não se curvaram ao culto de um outro senhor. O cristianismo confrontou com o poder do Estado romano e sua forma de religiosidade. Guiados pela égide da fé em Cristo, os cristãos se colocaram em oposição ao imperador autodivinizado e com isso experimentaram agressiva perseguição.

A mensagem cristã era fruto da vida de fé dos cristãos, que anunciavam uma nova ordem social a partir do senhorio de Cristo. Mesmo vivendo sob o domínio do império romano, os cristãos estavam debaixo da ordem de um outro reino, que lhes imputava uma forma de viver e se relacionar com o mundo totalmente diferente, com valores estranhos para o mundo romano. Esses cristãos tinham depositado a sua fidelidade a Cristo, o Senhor, e não abriam mão disso, até mesmo debaixo de rejeição e perseguição. O culto ao imperador era uma maneira de testar a fidelidade dos crentes a Cristo no entardecer do primeiro século.

Herdeiros do monoteísmo judaico, a crença em um Deus único e absoluto, os cristãos não toleravam a divinização de um imperador, estabelecida para preservar a ordem romana sobre o mundo. O senhorio de Cristo era real e não permitia que os cristãos se curvassem ao imperador. Eles oravam em favor das autoridades, exerciam a moral cristã a fim de zelar pela ordem e isso era elo-

giado por muitos dos líderes da sociedade romana, mas um verdadeiro cristão não demonstraria fidelidade a Cristo prostrando-se diante do culto ao imperador e a sua ordem sobre o mundo. Algumas fontes cristãs primitivas descrevem a perseguição dos cristãos durante o reinado de Domiciano. Clemente de Roma, em sua primeira epístola, 95 d.C., narra as “súbitas e repetidas calamidades e reveses que nos estão acontecendo”, uma alusão às perseguições desse período. Aos cristãos pesava a acusação de ateísmo, pois não reconheciam as divindades de Roma. Suetônio nos conta em seus registros sobre esse período que Domiciano isentou os judeus do culto ao imperador sob o pagamento de pesados tributos. Enquanto os cristãos eram confundidos com uma seita judaica, passaram despercebidos. Mas, quando os judeus os expulsaram das sinagogas e também empreenderam perseguição aos cristãos, o império percebeu o que era o cristianismo e seu rápido poder de influência e alcance no mundo romano.<sup>2</sup>

O Apocalipse de João está situado em um ambiente de perseguição estatal, nos últimos anos de Domiciano. A Ásia Menor, região onde a audiência do livro estava e onde o cristianismo crescia rapidamente, era marcada geograficamente como o

centro do culto ao imperador: em Éfeso, Domiciano deu início à construção de um templo dedicado aos “Augustos”.

Helmut Koester, em sua “Introdução ao Novo Testamento”, afirma que pela primeira vez os cristãos foram desafiados ao paradoxo Cristo ou César, logo a fé dos cristãos e sua submissão a Cristo precisava ser fortificada e, para isso, o livro do Apocalipse se destinou. Toda história do mundo é dirigida pelo Senhor Deus e caminha para um rumo por ele determinado. O visionário João se prontifica a apresentar esta resposta e fortalecer a convicção de que Cristo, e não César, era o governante do mundo. Era sob a autoridade de Cristo, e não do imperador, que o mundo era regido e caminhava rumo à realização da esperança cristã.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, Clifton J. **Comentário Bíblico Broadman**: Novo Testamento. Rio de Janeiro: JUERP, 1985.

KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2005. Vol. I e II.

KÜMMEL, Werner. **Introdução ao Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1982.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento**: manual de metodologia. 8. ed. revista e ampliada. São Leopoldo: Sinodal, 2016.

<sup>2</sup> Allen, Clifton J. **Comentário Bíblico Broadman**: Novo Testamento. Rio de Janeiro: JUERP, 1985. p. 292.

# 1

## LIÇÃO

**TEXTO BÍBLICO**  
APOCALIPSE 1.1-8

**TEXTO ÁUREO**  
APOCALIPSE 1.8

### CONVERSAS COM O PROFESSOR

Problemas de uma aula de EBD – garantir o bom funcionamento de uma Escola Bíblica Dominical não é uma tarefa fácil. Graças ao poder do Espírito Santo investimos nesta empreitada e por meio de recursos, técnicas, ferramentas e dependência de Deus, podemos ver os resultados desta obra na vida dos nossos alunos. A nossa tarefa, enquanto professores, é colocar-nos diante do Senhor para que ele nos use. Mas, também, precisamos aprimorar nossos conhecimentos e abordagens para que o trabalho seja feito com excelência para a glória de Deus (1Co 10.31).

Reconheço que existem inúmeras limitações nesta área. Sei que existem muitas

# APOCALIPSE O LIVRO DA REVELAÇÃO

realidades socioeconômicas diferentes dentro do Brasil batista que, às vezes, dificultam o pleno funcionamento da Escola Bíblica. Algumas dessas limitações são efeitos colaterais de realidades que não estão debaixo do nosso controle ou poder. Também reconheço que existem muitos que, apesar de tamanhas limitações, fazem com esmero e excelência a tarefa do ensino: são os verdadeiros vocacionados para a educação cristã. Que Deus os abençoe cada vez mais nesta missão e que sejam abundantes os frutos para a glória de Deus.

Partindo desta consciência, proponho identificarmos algumas situações que podem nos impedir de atingir o potencial maior de nossas classes de Escola

Bíblica. As situações aqui apresentadas são fruto de observações que fiz durante visitas a algumas igrejas, em diferentes realidades, que vão desde grandes centros urbanos até o interior.

Encare as situações como um espelho. Em cada uma delas responda: será que isso está acontecendo em minha classe? Como eu reagiria a esta situação se fosse um aluno? O que posso fazer, como professor, para mudar esta situação?

Que Deus nos ajude nesta avaliação honesta rumo à qualificação da obra do seu ministério.

## **METAS DE ENSINO**

- 1) Apresentar uma visão geral sobre o livro do Apocalipse.
- 2) Conhecer o significado e a função do livro do Apocalipse na literatura do Novo Testamento.
- 3) Reconhecer o valor e atualidade da mensagem do Apocalipse para os cristãos da atualidade.

## **DESPERTANDO O INTERESSE**

Além do grande desconhecimento sobre o livro do Apocalipse, criou-se um senso geral sobre o livro, relacionando-o a figuras de medo, terror, destruição e catástrofes. Porém, nada disso condiz com a real mensagem e conteúdo do

último livro a compor o cânon do Novo Testamento.

Para introduzir este assunto, você poderá realizar uma tempestade de ideias sobre o Apocalipse. Um recurso muito simples de realizar e que pode lhe proporcionar bons resultados.

Após a recepção e integração dos alunos, escrever no quadro ou slide a seguinte frase: “O que logo vem à sua mente quando você ouve a palavra “Apocalipse?” Estimular os alunos para que falem as suas respostas, não tecendo nenhum comentário ou correção neste momento. Apenas anotar as respostas dos alunos. Em seguida, com base no texto da lição, apresentar uma definição da palavra apocalipse, destacando as respostas da tempestade de ideias que mais se aproximaram da definição apresentada.

## **ATIVIDADES DE ENSINO**

Após a dinâmica de introdução, será preciso levar os alunos à compreensão do que é o livro do Apocalipse, seu contexto e finalidade. Esta é uma parte da aula em que informações importantes serão transmitidas e estas são indispensáveis para a compreensão do livro. Esta aula é uma chave para a interpretação da mensagem do livro.

No seu preparo e planejamento, providenciar objetos e imagens que serão utilizadas durante a sua exposição oral.

Cada objeto ou imagem estará relacionado a um tópico de conteúdo e guiarão a sua apresentação. Os objetos e imagens poderão circular entre

os alunos, um de cada vez e de acordo com o tópico que estará desenvolvendo com a classe:

OBJETO/IMAGEM	TÓPICO	ÊNFASE
Envelope de carta	De Jesus para João De João para nós	Explicar a função da revelação e Jesus como seu autor
Ilha	De Jesus para João De João para nós	Apresentar o autor bíblico e sua condição ao registrar a revelação
Bússola	De Jesus para João De João para nós	A interpretação do Apocalipse para os leitores iniciais e para a edificação espiritual, no presente e futuro
Fone de ouvido	Um livro para ser ouvido	Explicar que o livro era mais para ser ouvido do que lido, devido à realidade dos primeiros ouvintes
Medalha ou troféus	Relação com a vida	A mensagem do Apocalipse é a certeza da vitória do Cordeiro

Você poderá aproveitar da criatividade, utilizando de formas criativas para apresentar essas imagens: a mala do Apocalipse, de onde você poderá retirar cada objeto durante a apresentação. Cada objeto poderá ser apresentado como itens indispensáveis para uma viagem pelas páginas do Apocalipse. Lembre-se de que os objetos precisam estar ligados com a explicação que será feita sobre tópicos importantes na compreensão do conteúdo.

### AMARRANDO A LIÇÃO

Após a apresentação lúdica do conteúdo do Apocalipse, distribuir folhas de papéis entre os alunos e pedir que escrevam uma palavra que resumiria uma novidade aprendida durante a aula sobre o livro do Apocalipse. Caso queira tornar mais lúdico, pode pedir que os alunos façam um desenho que represente as ideias novas aprendidas.

Dar tempo para a execução e, ao fim, ouvir algumas apresentações.

## LIÇÃO

## 2

# VOCAÇÃO PARA A REVELAÇÃO

**TEXTO BÍBLICO****APOCALIPSE 1.9-20****TEXTO ÁUREO****APOCALIPSE 1.9****CONVERSAS COM O PROFESSOR**

**Problemas de uma aula de EBD: o mau uso das dinâmicas de grupo** – Aurélio é professor da classe de jovens em sua igreja. O irmão Aurélio gosta de dinamizar as suas aulas com atividades de grupo entre os alunos. Muitas vezes, escolhe as dinâmicas pelo simples fato de achá-las interessantes e não pela aplicabilidade delas ao assunto e seus objetivos.

Numa de suas aulas, Aurélio dividiu a classe em dois grupos, não atentando para o número desigual de participantes e designou algumas tarefas para realizarem. Na sua euforia em realizar a dinâmica, não fez nenhuma introdu-

ção sobre o assunto a ser estudado, nem explicou a relação da atividade com o tema da lição e nem percebeu que os grupos estavam em condições desiguais em relação ao número de participantes. Ficou de longe observando a execução. No final, pediu que os grupos apresentassem os resultados e sem nenhuma intervenção ou aplicação das respostas dadas, encerrou a aula porque o horário já havia sido estourado.

Quais foram as faltas de Aurélio nesta aula de EBD? Você consegue identificá-las? Como Aurélio poderia ter usado o recurso de forma eficaz e eficiente?

A aula de EBD não é feita pelo recurso, mas pelo uso eficiente e eficaz do recur-

so pelo professor. O recurso em si não faz nada. Ele só tem sentido se for utilizado de forma coerente. Por isso, todo recurso didático precisa estar alinhado aos objetivos da lição e isto precisa estar claro para o professor e, no final, para os seus alunos. Quem ensina é o professor e não o recurso. O recurso é apenas um instrumento.

Numa aula em que a dinâmica será a única atividade de ensino (isso é um risco), é importante que o professor faça uma boa introdução sobre o tema, despertando o interesse dos alunos e situando-os no assunto, a fim de que saibam para onde estão indo. Não se pode deixar o barco sem direção, pois os ventos o sacudiriam para todos os lados. Antes de aplicar qualquer dinâmica, tenha o cuidado de comunicar o assunto e objetivos. Cuide também do tempo de execução. Ao fim, avalie os resultados e verifique se todos conseguiram alcançar as metas lançadas inicialmente.

## METAS DE ENSINO

- 1) Conhecer a forma de comunicação simbólica do Apocalipse.
- 2) Identificar os principais símbolos do Apocalipse.
- 3) Reconhecer que a mensagem cristã não é compatível com muitos elementos da sociedade em que estamos inseridos.

*No Apocalipse,  
as coisas não  
são o que seu  
significado  
imediate  
indicaria. Antes,  
uma coisa  
significaria  
outra coisa*

## DESPERTANDO O INTERESSE

Apresentar para os alunos uma tabela com uma lista de símbolos encontrados no Apocalipse, como mencionados na revista do aluno, explicando cada um deles e ilustrando com uma passagem do livro do Apocalipse.

Explicar para eles que a revelação veio até João por meio de sinais. O texto diz que o anjo “significou” para João a mensagem. Ou seja, revelar por meio de signos. Isso significa que existe alguma correspondência entre o signo e a coisa significada. Isso indica que no Apocalipse as coisas não são o que seu significado imediato indicaria. Antes, uma coisa significaria outra coisa. Este significado poderia ser intrínseco (sangue significa vida) ou arbitrário (vermelho significa parada obrigatória).

## ATIVIDADES DE ENSINO

Por meio de uma exposição do conteúdo da revista do aluno, aplicar esta exposição dos símbolos do Apocalipse na visão do Filho do homem. Ler com os alunos os textos onde a expressão Filho do homem apareceu na Bíblia. Em seguida, associar a expressão com a pessoa de Jesus. Em seguida, dividir os alunos em dois grupos. Um deles ficará encarregado de apresentar uma descrição geral sobre o Jesus que aparece nos Evangelhos; o outro fará uma descrição geral do Jesus que aparece no Apocalipse. O professor, no final, fará a relação entre as duas aparições de Jesus: o primeiro foi o Jesus encarnado que desenvolveu seu ministério na Judeia; o segundo é o Jesus glorificado que caminha entre as igrejas do Apocalipse.

## AMARRANDO A LIÇÃO

Durante a orientação do debate, anotar as percepções dos seus alunos sobre a realidade da igreja no Brasil. Concluir a aula, destacando a reflexão proposta pelo autor na seção “Pra tomar uma atitude”. Destacar que assim como as Igrejas do Apocalipse enfrentam dilemas diversos em relação ao mundo ao seu redor, os cristãos hoje também enfrentam tais dilemas. Reforçar que a opção dos cristãos sempre deverá ser a

de seguir os princípios da fé em Cristo Jesus, de forma a não os negociar ou flexibilizá-los com os valores contrários da sociedade.

Nesta conclusão, leve seus alunos a considerar o tamanho dos desafios do nosso tempo e a preciosidade de seguir e ser fiel a Cristo. Encerrar a aula com uma oração em favor da igreja no Brasil.

## FEEDBACK

Entender o nosso tempo e os desafios que ele impõe para a igreja, no cumprimento da sua missão, é muito importante para nós, líderes desta geração. Uma boa leitura para isso é o livro “Icabode: da mente de Cristo à consciência moderna”, de Rubem Amorese, publicado pela Editora Ultimato.

Com uma linguagem simples, sem abrir mão da profundidade da reflexão, Rubem Amorese apresenta os desafios enfrentados pelos cristãos no campo das ideologias, identificando as três forças da modernidade e os seus efeitos sobre a igreja.

Assim diz o autor: “Na verdade, o desafio que temos pela frente em relação à modernidade não é o de lutar pelas doutrinas evangélicas nem pela moral religiosa, mas o de preservar o propósito original da aliança de Deus com o seu povo, de conseguir simplesmente ser igreja”.